

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA B1. Seleção será feita por duas comissões e resultado deve sair em maio; instituto não tem expectativa de inscritos

CRIAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA SÃO FOCO DO EDITAL

Candidato deve ficar atento a mudanças sofridas no edital

LARISSA BASTOS
REPORTER

Que todo projeto volta do para artes e cultura brasileiras tem espaço no Rumos 2015 a gente já disse. Mas... e quem pode participar? Segundo o órgão, a seleção é aberta para (quase) todo mundo. Para se inscrever, basta ter no mínimo 16 anos e é possível ser tanto pessoa física ou jurídica quanto entidades de natureza privada, como organizações sociais (OS), não governamentais (ONGs), associações de amigos, civis, fundações privadas e similares.

Contemplados em edições anteriores do programa também podem tentar a sorte novamente e a iniciativa é fechada apenas para antes da administração pública direta e indireta (como ministérios e órgãos de assessoramento federal; governos, secretarias estaduais e órgãos de assessoramento estadual; prefeituras, secretarias municipais), agentes políticos no poder – além dos funcionários do instituto.

Na última edição, foram 72 inscritos de Alagoas. O número ainda é considerado baixo diante de outros estados aqui por perto, como Pernambuco e Ceará. Por isso, o interesse dos gestores da entidade pelas terras alagoanas. De acordo com a gerente de Comunicação, Ana Fátima Sousa, o objetivo é fazer com que as inscrições cresçam por aqui – assim como em locais a exemplo do Maranhão, Piauí e da Região Norte.

“Queremos que cresça muito. Esse ainda é uma brecha para gente. O Nordeste até que se inscreve, o Norte é um desafio um pouco maior. Continuamos perseguindo essa missão e querendo otimizar muito”, conta. “Aqui tivemos 72 projetos, mas sabemos que Maceió tem capacidade de ir além, tem uma produção vigorosa. Então acreditamos que esse número pode crescer bastante”, acrescenta.

Na última edição, Norte e Centro-Oeste tiveram os

menores índices de aprovação, com 6% e 5%, respectivamente. Já o Nordeste teve 20 selecionados, ou 19,9% do total, enquanto o Sul com 16 (15,9%) e o Sudeste 54 (53,4%). Até iniciativas internacionais entraram na conta: do exterior, foram escolhidas ideias da Espanha e Argentina – todas apresentando relação direta com o Brasil.

AS MUDANÇAS – E AS CATEGORIAS

Para entrar para esse rol, é necessário ficar atento a algumas mudanças com relação ao edital passado. Uma delas tem relação com as categorias do Rumos: em 2013, eram 13 delas, como articulação, circulação de repertório, criação e/ou produção de obra, desenvolvimento de produtos, formação, pesquisa e plataformas e softwares e documentação.

Agora, três grandes modalidades – criação e desenvolvimento (concepção de projetos artístico-culturais), documentação (organização e preservação de acervos) e pesquisa – dão o tom da nova edição. A escolha foi feita já com base nos resultados alcançados na última empreitada e, dentro disso, cabe uma infinidade de projetos, como diz a gerente de comunicação.

Segundo ela, um aspecto que chamou a atenção e ganhou mais espaço foi a preservação da memória – algo que viria a calhar em Alagoas. “Esse ano tentamos agrupar tudo em três módulos grandes. Criação e desenvolvimento, pesquisa e documentação, que é a memória, algo que surpreendeu na edição anterior. Das 15 mil inscrições, quase 10% tratava de questões de memória, reconstrução de acervos, então achamos que essa é uma questão que está falando com a gente, com a sociedade”.

Tudo isso, na visão do Rumos, como uma maneira de sair ainda mais de formatos e ouvir o que artistas e pesquisadores têm a dizer. “Não é o que a instituição gostaria que apresentassem a ela, mas sim o que querem nos apresentar. Isso parece um detalhe, mas descobrimos, por exemplo, que 30% dos inscritos na última edição nunca tinham participado de um

edital”, expõe o diretor do Itaú Cultural, Eduardo Saron.

Outra diferença este ano é a falta de um teto orçamentário para os projetos – não há valor mínimo ou máximo para ser preenchido. O limite anterior era de R\$ 400 mil, mas ter um teto, dizem os gestores, acabou por “forçar uma barra” e fez com que muitos inscritos apostassem em um “orçamento de mentirinha”, comprimido ou esticado para chegar à quantia estipulada no edital.

“O que queremos é receber o que o projeto quer ser de verdade. Não queremos forçar a barra do orçamento nem da proposta”, afirma Ana Sousa. “Uma das perguntas que tem surgido nas caminhadas é se poderia ser apresentado um projeto de R\$ 15 milhões [o valor total do Rumos]. Pode, mas o projeto precisa ser muito bom para convencer a comissão a só apostar nele”, completa a gerente do Núcleo da Enciclopédia e Acervo, Tânia Rodrigues.

As mudanças propagadas desde 2013 têm gerado dúvidas em quem quer participar, além de uma certa resistência – ou apego aos antigos modelos. Um vício que, para os responsáveis, é algo a ser combatido. “É um vício, uma questão de querer que a gente os direcione para colocar o certo, mas aqui não tem o certo. Tem o que você acha que o seu projeto é. Essa falta de parâmetro, de limites, deixa as pessoas desconfortáveis no sentido de que os editais são muito quadros, muito focados nas categorias, direcionados para um determinado formato. O Rumos não tem isso”, conta Tânia.

A SELEÇÃO

A escolha dos contemplados no Rumos 2015 será feita em duas etapas e, na primeira delas, que acontece de novembro deste ano a janeiro de 2016, será feita por 30 avaliadores de diversas áreas e regiões do País. Os nomes são sigilosos e não foram revelados para não atrapalhar o processo de julgamento. Cada inscrito deve ser analisado por 3 pessoas nesse primeiro momento.

Já aí será feito o primeiro ranking dos projetos, que deve ser passado à segunda comitiva, a de



Em Maceió, roda de conversa aconteceu na Pinacoteca Universitária com artistas e agitadores culturais

seleção. Nessa, 22 pessoas participam, desde artistas e pesquisadores até gestores do Itaú. “É aí que vamos nos debruçar nesses projetos. Cada um da comissão vai fazer uma avaliação e isso já gera um novo ranking antes de irmos para a última fase, quando todos vão se reunir por uma semana para discutir aquilo, fazer as defesas. Ai sim temos uma lista mais próxima da final”, explica Ana Sousa.

O processo será acompanhado de perto pelo Observatório de Políticas Culturais do instituto e o resultado será divulgado em 10 de maio. Cada escolhido terá o prazo de 36 meses, a partir da assinatura do contrato, para desenvolver sua ideia. Nesses 3 anos, todo o processo promete ser acompanhado de perto pelo programa – alguns mais de perto, outros nem tanto, de acordo com a particularidade de cada selecionado.

“Esse é o grande diferencial do Rumos. Sempre dizemos que ele não patrocina projetos, ele é um parceiro de projetos. O projeto que é selecionado fica com a instituição durante toda a sua realização. A gente sabe onde cada projeto está, o que está faltando para ele. Isso é da natureza do Rumos”, destaca Aninha, lembrando que a entidade não tem ideia de quantos projetos devem chegar este ano – em 2013, foram 15.120 inscritos.

“Expectativa a gente não tem, a gente tem medo (risos). Fizemos uma bolsa de apostas para saber isso. Muita gente acha que vamos ficar no mesmo universo do edital passado, mas outras pessoas acreditam que, com a demanda que cresceu no universo cultural, já que alguns patrocinadores grandes saíram do mercado este ano em função da crise, pode ter, sim, um aumento de demanda. Isso assusta um pouco, mas estamos af”.

Conheça a comissão julgadora

ADRIANA GEHRES

(Rio de Janeiro - RJ, 1967) é professora e pesquisadora de dança. Faz parte do núcleo Recife, no Mapa da Dança nas Capitais Brasileiras e no Distrito Federal (1ª etapa).

tor, cantor e violonista. Gravou os álbuns Maçalê (2009) – primeiro registro brasileiro de composições autorais em línguas africanas –, The Invention of Colour (2013) e Tempo & Magma (2015).

BEÁ MEIRA

(São Paulo/SP, 1961) é ilustradora, designer gráfica e professora. Formada em arquitetura, promove trabalhos de intervenção urbana com artistas da periferia do Rio de Janeiro.

VALMIR SANTOS

(São Paulo/SP, 1967) é jornalista, crítico, pesquisador teatral e editor do site Teatrojornal.com.br. Escreveu capítulos e livros com perfis históricos de grupos de teatro.

JEFFERSON DE

(Taubaté/SP, 1968) é cineasta. Dirigiu os curtas-metragens Distraída para a Morte (2001), Carolina (2003) e Narciso Rap (2005) e o longa Bröder (2010), eleito melhor filme no Festival de Cinema de Gramado.

ANA DE FÁTIMA SOUSA

gerente do Núcleo de Comunicação do Itaú Cultural, é formada em jornalismo e experiente em produção de música.

JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA

(Rio de Janeiro/RJ, 1965) professor de literatura comparada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic) e consultor do programa Conexões Itaú Cultural.

ANNA PAULA MONTINI

gerente do jurídico do Itaú Cultural e integrante da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (Cnic), do Ministério da Cultura. Integra a Associação Brasileira de Propriedade Intelectual (ABPI) e é Diretora de Publicações da Comissão de Mídia e Entretenimento do Instituto dos Advogados de São Paulo.

KARLA MARTINS

(Rio Branco/AC, 1969) é atriz, produtora, gestora pública e contadora de histórias. Atualmente exerce a presidência da Fundação de Cultura do Estado do Acre.

CLAUDINEY FERREIRA

jornalista, radiologista, produtor e gestor cultural, é gerente do Núcleo de Audiovisual e Literatura do Itaú Cultural.

MARCOS GALINDO

(Garanhuns/PE, 1962) é professor de ciência da informação e diretor de cultura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), além de coordenador científico do Laboratório de Tecnologia do Conhecimento (Liber), onde desenvolve os projetos Rede Memorial de Pernambuco e Preservação da Memória Digital.

EDSON NATALE

músico, organizador do Guia Brasileiro de Produção Cultural, autor de livros infantis, é gerente do Núcleo de Música do Itaú Cultural.

MARIA HIRSZMAN

(Rio de Janeiro/RJ, 1966) é jornalista e crítica de artes. Colabora em diversas publicações, como o jornal O Estado de S. Paulo e a Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras.

HENRIQUE IDOETA SOARES

formado em artes cênicas, com especialização em didática do ensino superior. Atuou como professor universitário e é atualmente gerente do Núcleo de Produção do Itaú Cultural.

NATÁLIA GARCIA

(São Paulo/SP, 1983) jornalista e repórter freelancer, criou o projeto de investigação urbanística Cidades para Pessoas, financiado por meio de plataformas colaborativas.

MARCOS CUZZIOL

doutor em artes visuais, é desenvolvedor de games, organizador de exposições de arte e tecnologia e gerente do Núcleo de Inovação do Itaú Cultural.

PAULO MATTOS

(Rio de Janeiro/RJ, 1958), administrador e produtor cultural, coordena a área de programação do Espaço Sesc, na capital fluminense.

SOFIA FAN

produtora e pesquisadora de arte – com atuação em projetos de mediação, formação e produção de exposições –, é gerente do Núcleo de Artes Visuais do Itaú.

PENA SCHMIDT

(Taubaté/SP, 1950) é autor, produtor musical e diretor do Centro Cultural São Paulo (CCSP), da Secretaria Municipal de Cultura. Participou como palestrante do Rumos Itaú Cultural 2004-2005.

TÂNIA RODRIGUES

historiadora, é gerente do Núcleo Enciclopédia do Itaú Cultural e atua com pesquisa nos campos da elaboração e manutenção de bases de dados, dos direitos autorais e da arte e da cultura brasileiras.

TIBANÁ SANTANA

(Salvador/BA, 1982) é composi-

Contemplado, Nelson da Rabeca já rodou o Brasil

Bastou passar os olhos na seleta lista daquele edital para que um em particular saltasse às vistas. Era Nelson da Rabeca. A euforia toma conta. Saídos de todas as partes do Brasil, os jornalistas ao lado parecem não entender bem tamanha empolgação. A vontade é contar a boa nova. Apenas no hotel, mais de uma hora depois, posso ligar e dar a notícia. Do outro lado, o músico que já não ouve bem passa o telefone para Benedita, companheira de palco e vida, que logo me diz: “ele está aqui pulando de alegria, minha filha”. Seu Nelson havia sido escolhido no último Rumos Itaú Cultural. O único de Alagoas. Com ele lá,

não precisamos de mais, penso. Seria bom outros conterrâneos no índice, mas ter um está bom para uma primeira vez. Principalmente quando esse é ninguém menos que um dos maiores luthiers brasileiros – e que, com isso, poderia rodar palcos nacionais com Tradição Improvisada, parceria com o suíço Thomas Rohrer, também ele fã de carteirinha do alagoano. Isso era novembro de 2014. Alguns meses depois, em maio, era hora do show chegar por aqui. Na oficina de rabeca feita mais cedo, já me emocionou com o sorriso largo do ilustre morador de Marechal Deodoro. Euforia novamente. No mesmo dia

voltaria ao teatro, o Jofre Soares, mais uma vez: agora para o espetáculo em si. Além dele e de Thomas, estavam marcados para subir ao tablado ainda D. Benedita e Antonio “Panda” Gianfratti, percussionista. Basta uma única nota ressoando do espaço para ter a grandeza daquele momento – sim, fã são mesmo assim. Apoiando o instrumento meio tal violinista, meio como outra coisa, o ex-cortador de cana, 86 anos, emociona com sua música. A plateia não é tanta, mas parece se empolgar tanto quanto eu a cada passada do arco pelas cordas da rabeca. Talvez seja só impressão. O suíço, dono de uma mú-

sica mais experimental, também agrada. Toca com objetos inusitados. Um pente, se não me engano, mas certamente algo fora do habitual. Seu Nelson aparenta um misto de curiosidade e animação de ver música sair daquele jeito da rabeca do amigo. O melhor, porém, ainda estava por vir. Com a rabeca desafinada, seu Nelson ganha a ajuda de Thomas. É o próprio suíço quem explica o acontecido: Rabeca, a neta do alagoano, batera a cabeça no instrumento e causara a pequena avaria. Agora ela já dorme, depois de correr pelo teatro atrás do avô. Seu Nelson sorri como criança com a meninice. Assim como a plateia.